

REFLEXÕES SOBRE O PENSAMENTO DOS ALUNOS DO 1º ANO DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA SOCIGRAN ACERCA DO PAPEL DO PROFESSOR

Evelyse Lemos Borges

Criticar, pejorativamente, a atuação dos professores, especialmente os brasileiros, é fato comum em meios de comunicação e em rodas de conversas integradas por estudantes ou não. Formar cidadãos críticos é objeto da educação, porém a crítica só é válida se acompanhada de hipóteses para possíveis soluções. Essas possíveis soluções, por sua vez, só poderão surgir se a verdadeira função do professor for conhecida.

Quando a roda de conversas é formada por professores, percebe-se uma constante preocupação com a ineficiência na qualidade da aprendizagem dos alunos. Muitos dos meus colegas compartilham comigo as mesmas dificuldades. Por exemplo: no cotidiano do exercício da profissão, observa-se que ao trabalhar os conteúdos com aulas expositivas, alguns alunos ficam totalmente alheios ao discurso do professor; outros, preocupados em copiar na íntegra suas palavras; um terceiro grupo se esforça em ouvir, porém ora seus olhos indicam estar “viajando”, ora se cerram em sono profundo.

A organização de seminários costuma ser catastrófica, os textos selecionados previamente chegam à sala intactos, tornando a discussão de dúvidas com o professor

inexistente. A apresentação surpreende pela discrepância entre grupos muito bons e muito ruins. A leitura prévia do tema por parte do grupo “ouvinte”, característica de um seminário, nunca existiu.

Em outras tentativas, procura-se trabalhar textos em grupos com o objetivo de promover discussões sobre o tema. Na prática, percebe-se que, na maioria das vezes, as discussões abordam temas diversos, empolgantes, mas nunca relacionados com o texto.

A dificuldade diária percebida por mim e pelos meus colegas de trabalho para conseguir tornar os alunos conscientes de suas responsabilidades, pela construção do seu próprio saber, levaram-me a buscar a opinião dos mesmos sobre o papel do professor idealizado por eles.

Ao questionar os 50 alunos do primeiro ano do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da SOCIGRAN (Dourados/MS), sobre o que é ser professor, verificou-se uma certa compaixão destes em relação à profissão. Ao mesmo tempo que consideram fundamental que o professor conheça (18%) e transmita (65%) conhecimentos específicos de sua área, referem-se à profissão como sacerdócio (6%) e vocação (10%). Para transmitir o conhecimento, o professor deve saber o quê e o como ensinar, criando e improvisando sempre que necessário (8%).

Quanto à profissão, alguns expressam admiração ao classificarem-na como brilhante ofício ao compararem estes profissionais a “Deus” (8%), por serem exemplos que poderão ser seguidos por toda a vida: *“... O bom professor sempre será para seus alunos como um Deus, algo que fascina e de quem os alunos irão tirar exemplos*

para sua vida... ”. Outros chamam a atenção para o fato de que, apesar do esforço, os profissionais são explorados e desvalorizados (10%).

Na interação professor-aluno, este deve ser compreensivo (12%), ser amigo (20%), ser paciente (8%), respeitar para ser respeitado (8%) e saber ouvir (6%).

Os alunos já não exigem que os professores saibam tudo, ou seja, 26% deixam claro que a aprendizagem, mesmo para os professores, é um processo contínuo.

Felizmente, o professor também foi citado como transformador (4%), educador para a vida (8%), produtor do futuro do aluno (10%), questionador (4%), orientador (6%) e incentivador (4%).

Essas respostas evidenciam que os alunos, ao entrarem na universidade, ainda não conhecem bem qual a função do profissional com o qual já conviveram por 12 anos, no mínimo. Ao mesmo tempo que definem o professor como formador para a sociedade e orientador do futuro do aluno, delegam para ele a responsabilidade de sua aprendizagem.

Excepcionalmente, um dos alunos definiu o professor com as seguintes características essenciais:

“É ser um aluno que tem alunos. É ter o poder de organizar e ser democrático; orientar e ouvir; exigir e respeitar; cobrar e corresponder.

É ser profissional (magistério não é sacerdócio) e não ser mercenário.

É ter a consciência que a transformação da sociedade passa pela atitude individual e de que a sua

atitude individual é um espelho.” (grifo do aluno)

Esse único aluno demonstra perceber, com maior clareza, que o processo ensino-aprendizagem é responsável pela formação e transformação de indivíduos para e na sociedade, que é contínuo e calcado numa troca constante entre professor e aluno.

Mas o que será que ele quis dizer quando escreveu “... *ter o poder de organizar...*”? Parece que, ao mesmo tempo em que ele se percebe como parte importante do processo, não se vê em igualdade de condições organizacionais da aprendizagem com o professor.

POR QUE OS ALUNOS PENSAM ASSIM?

O Dicionário da Globo define o professor como: *“aquele que professa ou ensina; mestre; lente; o que professa publicamente as verdades religiosas; e no sentido figurativo - homem versado, perito ou adestrado em uma arte, ciência ou profissão”* (Fernandez, 1993).

Ao desmembrarmos e analisarmos o significado do dicionário, observamos que o professor deve ser ativo “aquele que professa ou ensina”, sendo o assunto professo publicamente **temas indiscutíveis**, isto é, “verdades religiosas”.

No mesmo dicionário:

- **Mestre** é *“aquele que é versado numa arte ou ciência, o que ensina”*.

- **Ensinar** é “*dar instrução sobre; mostrar com ensinamento; fazer conhecer; demonstrar, instruir; dar preleções; dar, ministrar conhecimentos a alguém sobre as regras e preceitos que constituem (alguma ciência ou arte)*”.

- **Lente** expressa dois significados distintos. O primeiro derivado do “*latim legente, ‘que lê’, leitor, é usado para denominar professor de universidade ou de escola unviersitária ou de liceu*”. O segundo, também do “*latim lente, ‘lentilha’, corresponde a disco de vidro ou de cristal que refrange os raios luminosos*”.

A discrepância entre os dois significados para o termo **lente** é bem expressa por Ávila (1992 : 184), que no livro: “*A pesquisa na dinâmica da vida e na essência da Universidade*”, relata o seu equívoco de que, em determinada época, ao invés de relacionar o termo **lente** com o professor **leitor**, o fez com a lente óptica, “... *aquele professor cujo lastro de formação e erudição lhe permitia captar os raios do saber, compreendê-los para si mesmo e repassá-los aos alunos universitários...*”.

Partindo dos fatos históricos, como o analisado pelo supramencionado autor, no sentido de que o professor brasileiro se limitou a **leitor**, repassador autoritário de conhecimentos até por determinação e ingerência estatal, e o de que tal performance magisterial se impregnou ao longo de séculos em nossa sociedade, fica fácil entendermos as respostas dos alunos. Tradicionalmente, considerava-se o conhecimento científico verdadeiro, definitivo e inquestionável. O professor era dono desse saber e, por isso, a parte ativa do processo ensino-aprendizagem. Ativo porque os alunos, “*tábulas rasas*”, recebiam passivamente os conheci-

mentos por ele transmitidos.

Pelos dois fatos supra-referidos, as definições encontradas no dicionário e nos depoimentos dos alunos não mais condizem com a necessidade da sociedade atual. A sociedade mudou, mas o seu discurso ainda não e, por isso, exige-se dos professores uma atitude adequada à sociedade que já desapareceu¹. Eis a razão de desentendimento entre professores e alunos.

Paralelamente à mudança social, a Teoria do Conhecimento e a Psicologia da Educação ampliam os conhecimentos sobre a aprendizagem e tornam evidente a necessidade de seus fundamentos para a reestruturação do processo ensino-aprendizagem. Saber como os indivíduos aprendem, possibilita aos professores, ao usar os métodos e técnicas adequadas, uma significativa melhoria na qualidade do ensino, pelo fato de este inserir um processo de educação formadora, pelo qual se criam condições de progressivo e pleno desabrochamento das potencialidades sócio-pessoais de cada educando e professor nele envolvido.

VISÃO DOS PROFESSORES

Refletindo sobre as possíveis razões de os acadêmicos entrarem na universidade sem haver formado, na sua

¹Como veremos na seqüência do texto, nem a escola, enquanto instituição, e nem a classe docente têm consciência dessa transformação, e em conseqüência ainda se preocupam com métodos e técnicas de facilitação veiculadora de ensino, ao invés de priorizarem uma educação formadora.

estrutura cognitiva, a real função do professor, resolvei investigar como os próprios professores definem o seu papel. Fazendo o mesmo questionamento a vinte professores de diferentes cursos da mesma instituição, escolhidos aleatoriamente, verifiquei que a profissão docente é por eles melhor definida, com a ressalva de que muitos ainda utilizam termos equivocados para conceituá-la.

A tipificação do papel do professor por eles mostrada foi: orientador (40%), educador (25%), motivador (20%), formador de opinião (20%), indivíduo que interage com alunos e a sociedade (15%). Referindo-se ao processo ensino-aprendizagem, foi citada a importância de se reconhecer a individualidade dos alunos (15%) e do desenvolvimento da consciência crítica (15%). Para o exercício da profissão, foi ressaltada a importância de amar o que se faz (15%), de ser determinado (15%). Importa destacar que 20% dos professores a consideram como sina e missão, merecendo atenção o fato de que um deles se esmorece em convicção na resposta poética, cuja íntegra se segue:

*“Ser professor,
É ser pai e mãe.
Ser orientador,
Um grande amigo*

*Com o poder da criação
Capaz de formar um profissional
Visando o conhecimento e o coração
Capaz de formar um animal
Usando a falta de interesse
Ser professor*

*é adorar a vida
Ser orientador
Uma grande sina”.*

Até aqui, o profissional foi bem definido, por uma proporção razoável dos professores; talvez pudéssemos atentar para a ausência de termos mais comuns nas produções científicas sobre a profissão como **transformador**, **construtor**, etc. Mas não é isso que me preocupa. Preocupa-me, sim, o fato de que enquanto os professores se classificam com esse perfil, 30% referem-se à importância do domínio do conhecimento pelo professor e 25% se limitam a colocar que esse conhecimento deve ser transmitido. Que o professor deva conhecer sua área específica, é óbvio. Do contrário, ele não poderia selecionar o que ensinar e planejar, como ensinar para clientela específicas. O que não podemos concordar é que ainda existam profissionais que acreditem na possibilidade de o aluno aprender passivamente pela transmissão de conteúdos, o que é ensejado por respostas como esta: “... *educar, ensinar através da transmissão do conteúdo, o que para o aluno torna-se às vezes incompreensível e desinteressante, apesar do esforço*”. Sacristan (1991 : 64) deixa claro que:

“O conceito de profissionalidade docente está em permanente elaboração, devendo ser analisado em função do momento histórico concreto e da realidade social que o conhecimento escolar pretende legitimar; em suma, tem de ser contextualizado”.

A grande dificuldade é que o contexto social atual

reflete insatisfação e indefinição geral. Sabe-se que o passado não foi bom, o presente está intolerável, o futuro, deseja-se melhor. Mas como? O que será bom?

Em função desse desajuste, a educação deixou de ser vista como garantia de um futuro melhor. Os professores, desiludidos pela desvalorização profissional, percebem-se responsabilizados pela resolução dos problemas, mas não sabem o que fazer. Os alunos, por sua vez, não têm o menor interesse na escola e expressam isso através do desinteresse, indisciplina, cola e aversão a um ensino atuante e participativo.

QUAL O PAPEL DO PROFESSOR IDEAL?

Pesquisar. Eis o segredo do professor ideal. Por quê?

Segundo Demo (apud Ávila, 1992 : 194), o professor é pesquisador socializador de conhecimentos e motivador do novo pesquisador no aluno. O professor pesquisador está em constante formação, porque a cada nova aprendizagem, ele se modifica e, com ele, sua visão de mundo.

Somente a pesquisa permite que o conhecimento universal seja captado, interpretado, incorporado e disseminado. Através da mesma, o professor poderá criar e recriar caminhos para o processo de transformação dos alunos em sujeitos críticos e agentes de sua própria história. Estimulando o hábito da crítica, acerca das informações obtidas e promovendo discussões, o professor estará moti-

vando o aluno a pesquisar.

O professor ideal deve conhecer e estar atualizado, mas, ao invés de transmitir conhecimentos, lhe é mister criar condições para que seus alunos construam o seu próprio saber. O objeto de trabalho do professor é a aprendizagem do aluno, o que é variável de indivíduo para indivíduo e expressa o tipo de disposição mental que o aprendiz tem num determinado momento, isto é, a aprendizagem será eficiente se o tema se tornar relevante e relacionável com conhecimentos prévios do indivíduo. Segundo Ausubel (1968), existem dois tipos de aprendizagem: a significativa e a mecânica. A diferença entre as duas baseia-se na relação entre o conceito a ser apreendido e os conceitos pré-existentes na estrutura cognitiva do indivíduo. Assim, a **aprendizagem significativa** só ocorrerá à medida que o novo conceito for relacionável com aspectos relevantes já existentes na referida estrutura cognitiva do indivíduo. A **aprendizagem mecânica**, ao contrário, ocorre sempre que o novo conceito não se relaciona com os conceitos já existentes nessa estrutura, ou seja, eles são arbitrariamente armazenados. A aprendizagem mecânica é a que mais acontece quando o professor é mero transmissor de conhecimentos prontos e acabados. Nesse processo, o professor se limita a reproduzir, e os alunos assumem a função de passivos copiadoreis.

Para facilitar a aprendizagem significativa, o professor, segundo o mesmo autor, deve detectar aquilo que o aluno já sabe e ensiná-lo de acordo, ou seja, de modo que ele possa relacionar o que já sabe com aquilo que deve ser aprendido. Para tanto, a pesquisa é imprescindível. Ela se

faz necessária para a formação de idéias próprias pelo professor, que serão de capital importância para o planejamento dos melhores meios de ajuda, no sentido de que os alunos elaborem suas representações mentais a respeito dos objetos de estudo. Além disso, é fundamental que o **aprendiz tenha intencionalidade e se esforce para a construção de seu conhecimento.**

CONCLUSÃO

Comparando as respostas dos alunos e professores, tem-se a impressão de que os dois grupos vêem a profissão magisterial como atividade sem o menor valor social, contrariamente à lógica de que a mesma deve ser enaltecida exatamente pelo valor de sua função social. Devemos reverenciar aquele professor que, por ser competente, interagirá com os alunos, servirá de modelo, instruindo-os e os motivando à produção científica.

Apesar de um grupo de alunos ter citado o professor como agente de transformação social, percebe-se um discurso vazio, sem coerência com o restante do texto, ou seja, ao mesmo tempo que é visto como transformador, também o é como único responsável pela aprendizagem.

Parecem-me corretos os alunos que ressaltaram a importância de o professor ser amigo e compreensivo. Amizade e compreensão não significam, porém, “afrouxamento” e “barateamento” do processo ou, segundo Esteve (1991 : 107), bom relacionamento não deve ensejar

“... que o aluno pode permitir-se, com bastante impunidade, diversas agressões verbais, físicas e psicológicas aos professores ou aos colegas, sem que na prática funcionem os mecanismos de arbitragem teoricamente existentes...”

Devem contribuir para que professor e aluno interajam como cúmplices na intencionalidade, para a efetivação da aprendizagem. No ato de auscultar o aluno, o professor lhe ensina a importância do falar e do ouvir, conhece os seus pensamentos e amplia a participação do grupo.

O resultado da análise sobre o pensamento dos alunos é preocupante, porque, apesar de terem ingressado recentemente num curso de licenciatura, os mesmos não possuem clareza sobre o verdadeiro papel do professor. Sem essa consciência, não sabem como proceder, enquanto universitários, e nem porque estão ali. Reproduzem a velha queixa dos professores: se tudo corre bem, é porque os estudantes são bons; se as coisas vão mal, o fato é atribuído aos professores serem maus profissionais.

Concluindo, o processo ensino-aprendizagem está em crise. Os professores têm responsabilidade nisso, mas não são mais ou menos culpados. É preciso que a sociedade, os alunos e os profissionais do magistério se debrucem sobre o problema, para que, juntos, possam refletir, desvendar e elaborar possíveis e sadias alternativas de solução. Nessa busca, cada elemento deve estar consciente de que somente com vontade, desejo e esforço será possível fazer o trabalho na perspectiva do ideal.

BIBLIOGRAFIA

- AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen. *Psicologia educacional*. Rio de Janeiro : Interamericana, 2. ed. 1980.
- ÁVILA, Vicente Fideles de. *A pesquisa na dinâmica da vida e na essência da universidade*. Campo Grande : UFMS, 1995 (livro no prelo).
- ESTEVE, José M. In: NÓVOA, Antônio (org.) *Profissão Professor*. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. Portugal : Porto Editora Ltda., 1991. p. 107.
- FERNANDEZ, Francisco. *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo : Globo, 1993.
- MOREIRA, Antônio M. *Ensino e aprendizagem - enfoques teóricos*. São Paulo : Ed. Moraes Ltda., 1980
- MOREIRA, Antônio M., MASINI, Elcie F. Salzano. *Aprendizagem significativa - a teoria de David Ausubel*. São Paulo : Ed. Moraes Ltda., 1982.
- SACRISTAN, J. Gimeno. In: NÓVOA, Antônio (org.). *Profissão Professor*. Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores. Portugal : Porto Editora Ltda., 1991. p. 91
- VASCONCELLOS, Celso dos S. *Construção do conhecimento*. São Paulo : Cadernos Pedagógicos do Libertad - 2, 1995.